

255 – Casa estranha

Uma vez, estava fazendo um levantamento planialtimétrico, numa área de Guarulhos que era praticamente sem habitações. Estava acompanhado de dois ajudantes. A área era o chamado Sítio dos Moraes, que ficava no lado direito da atual Av. Brigadeiro Faria Lima, antes da igreja. A região era toda cheia de mato e floresta.

Vínhamos de ônibus que passava pela av. Monteiro Lobato, Rua Claudino Barbosa, e parava perto de onde é o McDonalds. Lá, era o ponto final do ônibus e tinha uma vendinha onde comprava pão e mortadela fatiada e uma guaraná para cada um. Depois, seguíamos a pé até perto da igreja, carregando as balizas, foices, trena e o teodolito para medição.

Atravessávamos o pequeno rio, subindo em um enorme ingazeiro que ficava no outro lado do rio, visto que não existia ponte e nem pinguela. O ingazeiro servia como uma pinguela e não havia problemas.

Fiquei sabendo que ali tinham morado escravos que trabalharam em Guarulhos e que seus descendentes ainda estavam por lá. Tinha visto alguns negros bastantes velhos quando cheguei ao local.

Uma vez, durante nossos trabalhos, começou a chover intensamente. Geralmente, a gente espera um pouco embaixo de uma árvore para ver se a chuva passa, mas, como não parava de chover e estava começando a anoitecer, deslocamo-nos pelo meio do mato, procurando um abrigo seguro, devido aos raios que caíam na região.

Encontramos uma casa de alvenaria de tijolos e rebocada, muito velha, abandonada no meio do mato e que não sabíamos que existia.

Abri a porta, com o maior medo, e entrei na casa.

Tinha na sala uma mesa sem cadeira do lado, com um belo cálice verde, enorme, e, na parede, uma fotografia do Presidente Getúlio Vargas. Até hoje penso: por que os donos não levaram aquele belo cálice verde? Deveria ter algum mistério ou alguma estória sobre o mesmo que ninguém se atreveu a levá-lo.

Da sala dava para avistar a cozinha, que tinha uma espécie de sepultura do tamanho de um corpo, da mesma maneira que a gente via naquela época quando se enterrava um caixão no cemitério do Centro de Guarulhos.

Dava para meter medo em qualquer pessoa com aqueles relâmpagos e trovoadas. Ficamos os três dentro da sala sem saber se íamos embora ou não. Resolvemos esperar passar a chuva e fomos embora imediatamente.

Nunca mais tocamos no assunto.

Engenheiro Plinio Tomaz

25 de novembro de 2016